



Narrando o passado: o jornal nas aulas de História

Aline Mendes Lima¹

Introdução

O presente texto é uma reflexão motivada pelas experiências obtidas durante o Estágio de Docência em História. Refere-se tanto aos momentos de docência em sala de aula quanto aos estudos e planejamentos que permearam essa prática. Convém salientar que as atividades pedagógicas que motivaram este texto foram desenvolvidas com alunos do Ensino Médio Noturno, em uma escola pública estadual da cidade de Porto Alegre.

No decorrer dessa breve prática do magistério o jornal foi utilizado como recurso para o ensino de História, fato que suscitou alguns questionamentos sobre as possibilidades do uso desta fonte de informação em sala de aula.

Buscar-se-á discutir o uso de jornais pelo professor de História e investigar algumas de suas possibilidades, que podem variar desde a sua percepção como um objeto provocador – que inicia o trabalho – até sua concepção como um produto final criado pelos estudantes.

Para entender o tema serão utilizados referenciais teóricos que perpassam os estudos relativos ao ensino de História, ao trabalho com jornais na escola e às práticas de avaliação.

Outras atividades são necessárias

Grande parte das propostas apresentadas ao corpo discente pelos professores insiste em uma lógica alicerçada na cópia, na memorização e no peso de uma avaliação classificatória. Esse direcionamento pouco instiga os jovens estudantes, pois propostas em que o professor seja apenas transmissor do conhecimento parecem sem sentido para uma geração que, por meio de um simples clique, dispõe de uma gama infinita de informações. Nesse sentido, não é a intenção criticar os professores, mas sim problematizar o fato de que

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Licenciada em Artes pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: alinemendeslima@gmail.com



propostas diferentes são necessárias para que o aprendizado dos educandos seja significativo e que o trabalho do educador persista de forma produtiva.

A situação da educação como um todo – explicitada por pontos como a desvalorização do trabalho do educador e a falta de infraestrutura das escolas – é sem dúvida um fator importante a ser considerado, uma vez que pode levar um engessamento no planejamento dos professores. Todavia, faz-se necessário considerar que, priorizando a construção do conhecimento pelo estudante, o educador consegue envolvê-lo e acaba tornando seu trabalho mais prazeroso.

Juarez Dayrell (1999) aborda a escola como um espaço que pouco incentiva o protagonismo de seus alunos, onde o produto é mais valorizado que o processo. Nessa lógica, ensinar se torna transmitir um conhecimento acumulado e aprender se torna assimilá-lo. O autor ressalta ainda a importância de compreender os alunos como sujeitos que possuem uma historicidade, marcada por interações com a vida social cotidiana. Maria Auxiliadora Schmidt (2004) complementa: “A sala de aula não é um espaço onde se transmite informações, mas uma relação onde interlocutores constroem sentidos” (SCHMIDT, 2004, p. 57).

Desta forma, é importante que as atividades sejam planejadas de acordo com o grupo de alunos e que envolvam uma trama coletiva do docente e dos discentes. Nesse processo o projeto deve ser modificado sempre que necessário e o professor precisa atuar como um mediador, instigador, que auxilia na construção do conhecimento. O educador deve, sempre que possível, aventurar-se pelo universo das atividades e questões que extrapolem os limites dos livros didáticos.

Em especial sobre o ensino de História, Fernando Seffner (2013) ressalta que as atividades propostas devem ser diversificadas:

Embora fundamentais, leitura e escrita precisam ser acompanhadas de debates, projeção de filmes, visitas a locais históricos, atividades envolvendo desenhos, montagem de jornais, pesquisas de campo, entrevistas, comparecimento a museus e exposições, organização de mostras na escola, elaboração de relatórios, seleção de materiais para compor acervos, etc. (SEFFNER, 2013, p. 58)

O autor destaca ainda a importância de que as atividades gerem produções autorais. Essas produções não precisariam ser necessariamente textos escritos, poderiam evocar outras manifestações artísticas como: músicas, desenhos, quadrinhos ou jornais, por exemplo.

A seguir, tratar-se-á de possibilidades do trabalho com o jornal que possam propiciar a construção de um conhecimento que faça sentido para o estudante.



Dentre as referências sobre a utilização de jornais em sala de aula destacam-se as obras de Maria Alice Faria (FARIA, 2009; FARIA, 2011). Em seu trabalho, a autora apresenta o jornal como um subsídio para enriquecer o aprendizado em sala de aula e traz esclarecimentos sobre a estrutura e a linguagem do jornal. Além disso, versa acerca da confecção de um jornal escolar. Para a autora, produzir um jornal seria um trabalho multidisciplinar que poderia envolver professores de diferentes áreas. Sem dúvida, esse objeto é multidisciplinar. Mas questões referentes às diversas áreas do conhecimento também podem, dentre outras possibilidades, serem abordadas por apenas um professor. Em virtude disso, sem desconsiderar a riqueza do trabalho conjunto com outros educadores, serão analisadas nas próximas linhas algumas possibilidades do uso desse tipo de publicação nas aulas de História.

Mapeando possibilidades

Convém pensar, mesmo que brevemente, a relação entre os fazeres do jornalista e do historiador. O jornalista se preocupa em registrar aquilo que pareça interessante ao seu público. Assim, em um primeiro momento, o fruto de seu trabalho parece ter função somente até a chegada da próxima edição, quando novos acontecimentos merecerão destaque. Entretanto, ainda no momento da publicação aquilo que está escrito nas páginas de um periódico já faz parte do passado e pode servir para compreender aspectos históricos. Para Kátia Maria Abud (2010): “(...) não significa que jornalistas são historiadores; estes estudam o passado baseados em conceitos e métodos específicos, os jornalistas, por sua vez, produzem narrativas que são registradas e lidas em jornais, revistas, sites, rádio e televisão” (ABUD, 2010, p. 27).

A aproximação entre os dois campos é inegável visto que as narrativas dos jornalistas fornecem versões do passado aos historiadores – servem como fontes para a produção do conhecimento – e que cada vez mais os jornalistas buscam contextualizar historicamente questões do presente. Para Antônio Reis (1993), o historiador privilegiará sempre o que parecer mais perene, mais sólido, ao passo que o jornalista está condicionado pelas leis do mercado e pelos interesses do leitor de hoje. Em virtude do exposto anteriormente é importante que o docente considere as especificidades das duas profissões ao planejar as atividades a serem desenvolvidas.

As propostas mais trabalhadas pelos educadores envolvem o periódico como um elemento problematizador que permite relacionar passado e presente. Nessa perspectiva, serão



apresentadas duas alternativas que, embora diferentes, não são, de forma alguma, conflitantes. A primeira possibilidade seria trabalhar em sala de aula com periódicos antigos buscando compreender um determinado tema ou acontecimento histórico. Mas, como qualquer fonte histórica, faz-se necessário pesquisar o contexto em que a obra foi produzida para desconstruir a ideia de neutralidade. Antônio Antunes (2012), por exemplo, relatou uma intervenção desenvolvida com estudantes do Ensino Médio que tinha por objetivo trabalhar o impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello nos jornais. Neste trabalho com jornais o autor coletou depoimentos positivos, pois os alunos consideraram as aulas melhores do que as anteriores e afirmam que a leitura dos jornais colaborou para melhor compreensão acerca do assunto. Além disso, o autor notou um conhecimento significativo dos discentes sobre o impeachment nas atividades que realizaram posteriormente.

Propostas como essa podem auxiliar o estudante a compreender um determinado processo histórico, confrontar diferentes pontos de vista, aprender a pesquisar informações em fontes primárias, enfim, vivenciar a construção do conhecimento histórico.

Outra possibilidade é o professor levar o jornal para a sala de aula com a intenção de discutir temas atuais e, a partir deles, procurar correspondências desses temas com a História, buscando fatos no passado que auxiliem a refletir acerca de uma situação do presente. Com esse tipo de atividade é possível auxiliar o estudante a apurar a leitura de um mundo no qual um volume excessivo de informações é transmitido tão rapidamente. Além disso, permitir que o educando perceba a função de estudar História para a sua vida, ou seja, indicar respostas àquela frequente pergunta: mas por que preciso saber disso, professora?

Kátia Abud (2010, p.31) ressalta ainda a necessidade de escolher um eixo temático para o desenvolvimento do trabalho do qual dependerá a seleção dos jornais e a preparação das atividades. Da mesma forma, é importante orientar o aluno sobre a linguagem jornalística e os elementos que constituem esse tipo de fonte de informação.

Igualmente, ao trazer um periódico impresso para a sala de aula deve-se considerar que os estudantes convivem com uma variedade de pontos de vistas, oriundos de diferentes fontes de informação (internet, televisão, rádio) e isso pode enriquecer o trabalho. Acresce que, possivelmente, mesmo se os alunos não tiverem por hábito ler jornais, eles tenderão a estar familiarizados com elementos da linguagem jornalística seja por verem manchetes em bancas de revistas ou, até mesmo, por lerem informações compartilhadas em blogs e redes sociais. Em síntese, ratifica-se a ideia de que é importante trabalhar os saberes trazidos pelo educando, pois isso ajuda a dar sentido ao que ele está estudando. É necessário pensar que,



como menciona Juarez Dayrell: “[...] esses jovens que chegam à escola são resultado de um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais. A educação ocorre nos mais diferentes espaços, em experiências, relações e atividades” (DAYRELL,1999, p.142).

Produzindo um jornal: tentativas de deslocamentos de tempo e espaço

Trabalhos como o de Faria (2011), que apontam a produção de jornais na escola remetem a experiências que têm como proposta uma produção que trate de situações do cotidiano dos alunos, atualidades ou sobre a comunidade escolar. Apresenta-se aqui uma proposta distinta realizada no Estágio de Docência, na qual o jornal teve como tema os assuntos discutidos nas aulas de História, focando-se em questões relacionadas ao Renascimento Cultural e às Reformas Religiosas.

Considerando a ideia de que os alunos produziram conhecimento através de uma atividade diferente; e também a de aplicar uma avaliação onde se priorizasse o processo, ao invés do resultado, foi proposto aos estudantes que se imaginassem como jornalistas que vivenciaram o período histórico abordado nas aulas. Infelizmente não foram encontrados relatos de experiências parecidas que pudessem orientar o planejamento da proposta. Em virtude disso ela foi sendo reconstruída e adaptada durante sua execução.

A elaboração do jornal intencionou que os estudantes realizassem uma tentativa de descolamento de tempo- espaço e também se propôs a quebrar a rotina pedagógica de maneira que fossem necessárias atividades de pesquisa e problematização para criar um produto. Assim, depois de algumas aulas em que pontos do Renascimento e das Reformas Religiosas foram trabalhados, os estudantes deveriam montar um jornal. Para isso, fariam o exercício de escrevê-lo como se fossem alguém que vivesse naquela época, procurando colocar-se no lugar do outro e problematizar como esse outro perceberia o mundo.

Convém salientar que se propôs apenas um exercício de deslocamento não pretendendo, desta forma, incentivar os estudantes a julgarem o passado com o olhar do presente. Sabe-se que para construir a História é preciso ordená-la no tempo, embora admita-se que a medição do tempo da forma como fazemos representa uma convenção. A periodização dos fatos históricos é utilizada para facilitar a compreensão, entretanto é necessário perceber a história como um conjunto de permanências e rupturas. Falar de história é como explica Boshi (2007): “falar de permanências e mudanças e de diferenças e



semelhanças” (BOSHI, 2007, p.41). Entende-se que esse deslocamento seja um exercício complexo mas ao mesmo tempo interessante, por provocar o discente a pensar o seu presente em relação ao passado. Abordar-se-á a seguir algumas reflexões mais pontuais referentes ao desenvolvimento da atividade, em especial sobre as produções dos estudantes.

Durante as aulas uma aluna – que escolheu escrever um jornal apoiador da causa de Martinho Lutero – questionou de que forma ela poderia defender a crença em Deus sendo atea. Após alguns minutos ela concluiu que seria necessário pensar como as coisas seriam se ela acreditasse em Deus e de que forma entenderia o mundo se concordasse com Lutero. O fato a considerar é que para pensar como alguém diferente ela teria que criar um personagem e, acima de tudo, entender o contexto. Esse processo demandou uma pesquisa histórica que de alguma forma a aproximou da disciplina.

Inicialmente foi feita com os educandos uma discussão sobre a função do jornal na sociedade e à “neutralidade” da imprensa. Afinal, faz-se necessário pensar que ao criar uma reportagem o jornalista seleciona alguns fatos e os interpreta de acordo com seus interesses e concepção de mundo. Para perceber que um mesmo acontecimento pode ser compreendido e divulgado de formas bem distintas foi levado à sala de aula um exemplo mais recente: duas capas de revistas que tratavam da morte do ex-presidente venezuelano Hugo Chavez. Em uma das publicações lê-se: “A morte de um líder” enquanto na outra está escrito “A herança sombria”. As imagens que acompanham os títulos mostram o rosto de Chavez – uma colorida e a outra em tons escuros – reforçam a diferença de perspectiva apresentada pelas duas publicações. Ao analisar as duas capas Patrícia Leite (2013) destacou que: “Enquanto a Veja o retrata sombrio, endurecido, frio, a Carta Capital o revela leve, até risonho, em movimento” (LEITE, 2013, p.13).

Ao problematizar essa questão, solicitou-se que os estudantes pensassem qual seria a orientação de seu jornal. Observando os trabalhos, nota-se que os grupos explicitaram a tendência no interior dos jornais, principalmente, na Seção Opinião. Entretanto, os membros do Grupo A o fizeram logo na capa ao escolher o nome “Jornal Luterano”, num claro apoio às ideias do monge protestante.

Acerca da construção do trabalho, convém lembrar que faz grande diferença se, no momento de elaborar um jornal o estudante tiver conhecimento sobre os elementos que compõem esse tipo de publicação e a respeito dos diversos estilos de texto jornalístico. É importante que isso seja trabalhado e faça parte de um planejamento feito pelos discentes, em



que definirão itens como a apresentação gráfica (incluindo um logotipo e a diagramação, por exemplo), o público alvo, as sessões, etc.

Durante o desenvolvimento da proposta aqui analisada os discentes trabalharam em grupos devido à complexidade da tarefa e também pelo crescimento que esse tipo de organização proporciona em habilidades como escutar, analisar, cooperar e respeitar, por exemplo. Para Regina Haydt (2000): “O trabalho em grupo possibilita que o aluno exercite a capacidade de organização do pensamento de forma que possa expressar ideias claras que sejam compreendidas por todos” (HAYDT, 2000, p.138)

Cada grupo recebeu como material inicial para confeccionar sua gazeta um envelope com a proposta da atividade e documentos variados sobre os dois períodos já citados: imagens, reproduções de fontes primárias; registros de falas ou escritos da época. Assim, coube aos educandos selecionar quais documentos auxiliariam nos seus textos jornalísticos. Além disso, poderiam pesquisar em diferentes livros didáticos, anotações do caderno, na internet e outras fontes que julgassem adequadas.

Geralmente a narrativa jornalística utiliza uma associação entre texto e imagem. Por conta disso foram colocadas no envelope um significativo número de imagens como fontes para a criação do jornal. Ao trabalhar com imagens é importante ratificar que elas são versões sobre um acontecimento, sendo muitas delas produzidas em período bem posterior a ele, principalmente se estivermos nos referindo ao estudo de acontecimentos anteriores ao nascimento da fotografia.

Os alunos de cada grupo subdividiram-se para escrever três sessões que estruturariam os jornais: Sessão Opinião – na qual deveriam posicionar-se sobre um tema polêmico; Sessão Notícia – em que relatariam fatos sem preocupar-se com um posicionamento claro e Sessão Livre – onde poderiam se expressar com charges, poesias, entrevistas etc.

Percebeu-se que na Sessão Notícia algumas chamadas ressaltavam um caráter investigativo como por exemplo, a produzida pelo Grupo B: “Teses de Lutero: O que são? Quem é Lutero? Qual o pensamento de seus seguidores?” . O mesmo grupo conferiu um desenvolvimento dramático à referida notícia: “Lutero em uma tentativa ‘desesperada’ planeja colocar em prática um novo método de pensar sobre a igreja e a vida”.

O Grupo A, por sua vez, buscou que a notícia provocasse uma reflexão nos leitores: “Absurdo? Igreja cobre indulgências em troca de perdão. Padre diz que com apenas \$3 você poderá se livrar do purgatório!”. Aproveitando este exemplo, em que figura a palavra indulgências, lembra-se que é importante discutir os conceitos que aparecem nas fontes



utilizadas e contextualizar os termos que estão sendo incorporados nos trabalhos para que a compreensão dos estudantes seja mais significativa.

A Sessão Livre escrita pelo Grupo B apresentou como destaque uma espécie de coluna de fofocas intitulada “Quentinhas do Gabi” que tratou a ruptura do rei inglês Henrique VIII com a Igreja Católica da seguinte forma: “Em tempos de respeito à Igreja, Henrique VII se revela, e, se divorcia de Catarina de Aragão e casa-se com Ana Bolena, rompendo com a Igreja. E não para por aí! Henrique resolve protestar e criar seu próprio conceito religioso”. É interessante retomar o uso dos elementos da linguagem jornalística conhecidos pelos alunos como uma estratégia pertinente para buscar a aproximação com a história.

Entretanto, pode-se apontar que a parte mais significativa de todos os jornais foi a Sessão Opinião. Foram sugeridos aos estudantes três possíveis temas a serem abordados nesse espaço, sendo facultativo apresentar novas propostas: 1. Se você fosse um clérigo o que pensaria sobre o estudo do corpo pela ciência e a prática de estudo de anatomia e dissecações? 2. Existe inferno? Se você fosse um protestante o que pensaria sobre a salvação prometida pela Igreja Católica? 3. Se fosse condenado pelo Tribunal de Inquisição do Santo Ofício por ler livros proibidos, ou acusado de bruxaria, o que teria a dizer?

Nessa sessão foi possível observar um crescimento dos estudantes no que tange ao conhecimento e também à argumentação. Os grupos C e D, por exemplo, se posicionaram sobre o estudo do corpo pela ciência durante o Renascimento citando algumas questões importantes como o medo que a população tinha da Igreja Católica. Para contextualizar sua opinião o segundo grupo escreveu: “Na nossa época levamos ao pé da letra o que está escrito na antiga escritura (Bíblia). Não criticamos de modo algum, pois seríamos excomungados da instituição. Usamos roupas longas para não deixar nosso corpo à mostra para as pessoas(...)”. Já o Grupo C criou um repórter que teria entrevistado dois personagens – um cientista e um bispo – a respeito das práticas de anatomia. Esse grupo exercitou assim a argumentação e a contraposição de ideais ao abordar, na fala do cientista, o medo da Igreja: “de perder seu poder e pôr na mesa todo o seu conhecimento em vão” e, pelas palavras do bispo, a ofensa sentida pela Igreja em virtude da falta de respeito com o corpo enquanto obra de Deus.

Foram transcritos acima alguns trechos dos trabalhos confeccionados pelos educandos na tentativa de dar uma ideia das produções. Entretanto, esses não dão conta do envolvimento crescente dos alunos com o trabalho e do processo de construção desse produto por eles. O fato é que foram observados crescimentos e conquistas singelas, mas significativas, que não cabem nesses exemplos e por isso a tarefa de avaliar a atividade tornou-se complexa. Buscou-



se não fazer da avaliação um momento separado – como as semanas de provas feitas pelas escolas, por exemplo – como diz Celso Vasconcellos (2008) o intuito foi: “avaliar o produto no processo” (VASCONCELLOS, 2008, p.28).

Ainda sobre avaliação, convém citar o argumento de Jussara Hoffmann (2010), que propõe uma Avaliação Mediadora. Para a autora é importante o professor observar o aluno para mediar, ou seja, para refletir sobre as melhores estratégias pedagógicas possíveis no sentido de promover sua aprendizagem. Ainda para Hoffmann:

A finalidade da avaliação não é a de descrever, justificar, explicar o que o aluno ‘alcançou’ em termos de aprendizagem, mas a de desafiá-los todo o tempo a ir adiante, a avançar, confiando em suas possibilidades e oferecendo-lhes, sobretudo, o apoio pedagógico adequado a cada um. (HOFMANN, 2010, p.103)

Parte significativa do processo é que os estudantes avaliem suas produções e as dos colegas, pensando dificuldades e aprendizados. Nesse sentido, é importante que os jornais produzidos sejam divulgados de alguma forma, seja por meio de um mural, fotocópias ou mesmo através da internet. A divulgação do trabalho, além de provocar reflexões, valoriza os alunos envolvidos na confecção e também incentiva os demais discentes a fazerem suas criações. Além disso, sempre pode vir a despertar o interesse pelos temas abordados na publicação.

Conclusões

Sabe-se que muitas questões poderiam ter sido mais bem exploradas, mas um estágio é curto para tantas possibilidades. Esse relato surgiu da necessidade de refletir sobre a prática, procurar alternativas que acrescentassem à experiência e também para, mesmo que minimamente, incentivar outros educadores a criar novos projetos. A certeza que fica é a de que ser professor é um constante reinventar-se, pois cada atividade proposta provoca reflexões que instigam o educador a modificá-la para melhor atingir os estudantes. Ainda assim, cada vez que uma atividade é apresentada aos alunos os resultados são diferentes e as possibilidades de melhorar infinitas.

O jornal apresenta-se como um recurso muito rico a ser explorado nas aulas de História. Considera-se que a experiência de confecção de uma gazeta com a temática histórica foi válida, pois propiciou um maior envolvimento dos estudantes com as aulas e a disciplina. Além disso, os instigou a pesquisar e a contrapor informações, auxiliando no entendimento da construção do saber histórico.



Referências

- ABUD, Kátia Maria. *Ensino de história*. São Paulo: CENGAGE Learning, 2010.
- ANTUNES, Antônio Gleiverson Gliese Costa. *O Jornal em Sala de Aula: Experiência docente com alunos do Ensino Médio*. In: Anais do V Encontro Estadual de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social, CERES UFRN, 2012. Disponível em: <<http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/veeh.html>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- BOSCHI, Caio César. *Por que estudar história?* São Paulo: Ática, 2007.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- FARIA, Maria Alice. *Para ler e fazer jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HAYDT, Regina Celia Cazaux. *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2000.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliar: respeitar primeiro, educar depois*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- LEITE, Patrícia; GOMES, Raimunda Aline. Demônio ou líder? O discurso de Veja e Carta Capital sobre a morte de Hugo Chávez. In: *9º Encontro Nacional de História da Mídia*. UFOP- MG, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/ouro-preto-sedia-9o-encontro-nacional-de-historia-da-midia>>. Acesso em: 21 jul. 2014.
- REIS, Antônio. O jornalista e o historiador: aproximações e diferenças. In: *Penélope*. Lisboa: Cosmos. Nº12, 1993.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: Bittencourt, Circe (Org.) *O saber histórico na sala de aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, p.54-68, 2004.
- SEFFNER, Fernando. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet, (Orgs.) *Jogos e Ensino de História*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. *Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Libertad, 2008.
- Sites consultados:
- JORNAL ESCOLAR. Disponível em: <<http://www.jornalescolar.org.br/diagramacao/>>. Acesso em: 8 jul. 2014.